

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

CANTIGAS POPULARES DO DOURO

Recolhidas da tradição por

José B. d'Abreu Gouveia

(Continuação)

202

Já me morreu minha mãe,
Minha leal companhia,
Caixinha dos meus segredos,
Espelho, onde me eu via.

203

Sendes alva como a neve
Corada como o medronho;
Tu és, o meu feitichinho,
Com quem só de noite sonho.

204

A oliveira é a paz,
Que se dá aos bemcasados;
Da-se a palma aos sacerdotes,
Alecrim aos namorados.

205

Eu sei o ninho d'um gaio
Na varanda do reitor;
Ao passo que o vou ver
Vou fallar ao meu amor.

206

O loureiro bate à porta,
Alecrim, vac ver quem é;
São os olhos de Maria
Que vêm ver os de José.

207

Maria foi a primeira
Que no meu peito entrou;
Que ha-de ser a derradeira
Juro-o á fê de quem sou.

208

Maria, minha Maria,
Grandes penas te hei-de dar,
Nem hei-de casar contigo
Nem te hei-de deixar casar.

209

Hei-de ir viver para o Paiva,
Para aquelle rio sombrio,
Para ver se sou mimosa
Do bom peixe d'aquelle rio.

210

Ao alto do Padornello
Fui ouvir prégar um frade;

Das mulheres de cento è uma
Que aos homens falla verdade.

211

Amores com homem casado
Quem os toma é porque quer;
Tem boa desculpa a dar-lhe
Vá lá p'r'a sua mulher.

212

Casadinha de tres dias
Já ali vac a chorar;
Coitada de quem as cria
Para vol-as entregar.

213

Pnz-me a jogar as cartas
A' meza com S. João,
Elle ganhou a minha alma,
Eu ganhei a salvação.

214

Antonio deu-me um cravo
No meio da prociissão;
O cravo trago-o ao peito,
Antonio, no coração.

215

Já não tenho coração
Morreu-me dentro do peito;
No logar onde elle estava
Nasceu-me um amor-perfeito.

216

Semei entre paredes
Silveiras e pinheiraeas.
Só p'ra ver se me esquecias,
Cada vez me lembras mais.

217

Meu colletinho de linho
Feito atraz do paredes;
Quem escuta de si ouve
Assim me acontece ás vezes.

218

Os meus primeiros amores
Mandi-os ao rosmaninho;
Aquelles que agora tenho
Vão pelo mesmo caminho.

219

Já tenho novos amores,
Já tenho novos cuidados;
Os velhos, já os mandei
P'ra a roda dos engeitados.

220

Coitadinho de quem tem
Os seus amores em segredo;

Ao passar por elles na rua
 Não lhes falla, que tem medo.
 221

Se queres que te vá ver
 Aleu Douro, ó meu João,
 Manda fazer um barquinho
 Da casquinha do limão.
 222

Quem aqui vem por te ver
 Vontade tem de te amar,
 Eu sou como a borboleta
 Que na luz se vae queimar.
 223

Da minha janella á tua
 Vae o salto d'uma cobra,
 Ainda espero de chamar
 A tua mac minha sogra.
 224

So ando muito ausentada
 Rasões tenho para isso;
 Andava p'ra me casar
 Roubaram-me o meu dorriço.
 225

Apanhae, apañhadeiras!
 Varejae, varejadores!
 Muita azeitona se perde
 Nos olivaeos dos amores.
 226

Deitae para cá os olhos.
 Meu amor, deitae, deitae;
 Que não são moedas d'oiro,
 Que roubois a vosso pao.
 227

O amor e o querer bem
 Estão na sagrada escriptura;
 Quem ama a Deus como deve
 Tem a salvação segura.
 228

O amar e o bem querer
 Moram ao pé do penar,
 Quem não quizer padecer
 Pode deixar de amar.
 229

O meu amor da minh'alma
 Ditoso é quem te ama;
 Quem te ama como deve
 Não dorme a manhã na cama.
 230

E's tão alva como a neve,
 Não pigas tributo ao leite;
 Dá-me lá na tua cama
 Um logar onde me eu deite.
 231

Quem tem amores não dorme,
 Quem os não te n adormece;
 E a nunca perdi o sono
 Por mais amores que tivesse.
 232

Dorme, dorme, meu menino,
 Coberto co'o cobertor

Que os anginhos estão cantando
 Louvado seja o Senhor.
 233

Já lá vae o sol abaixo
 Deixal-o ir que eu não choro;
 Eu de frente de mim tenho
 Outro sol a quem adoro.
 234

Os teus olhos, Margarida,
 São bonitos d'encantar,
 Inda hão-de ser p'ra mim
 Que os hei-de namorar.
 235

E' chegado, é chegado,
 E' chegado não sei quem;
 São chegados os dois olhos
 A quem os meus querem bem.
 236

Lá te mandei um raminho
 Com tres jinjas garrafaes,
 A do meio vae dizendo
 A gingeira não dou mais.
 237

Tomoi amores com um ferreiro,
 Fado tinha de passar;
 Gastei o meu dote todo
 Em sabão para o lavar.
 238

Mandei fazer ao mestre ferreiro,
 Uma boa fechadura,
 Para fechar a minh'alma
 Que se perde pela tua.
 239

O' meu amor da minh'alma,
 Tu juraste o eu jurei;
 Tu jurastes de ser firme,
 Eu, de leal, não faltei.
 240

Quando eu cheguei aqui,
 Logo por ti procurei,
 Não me deram novas tuas,
 Com vergonha não chorei.
 241

O' meu amor da minh'alma,
 Eu, se não quero, não vou;
 Eu, se vou, é porque quero,
 Que a mim ninguem me mandou.
 242

Onde fosto tu á missa
 N'este domingo passado,
 Que te não vi na igreja
 No teu logar costumado?
 243

Cada vez que vou á missa
 No adro faço reparo,
 De tanta cara que vejo
 Só tu és do meu agrado.
 244

Amor com amor se paga,
 Nunca vi cousa mais justa;

Paga-me contigo-mesma
Meu amor, pouco te custa.
245

O ladrão que me enganou
Sendo eu tão rapariga,
Tem o inferno tão corto
Como o degredo em vida.
246

Eu no mar e tu no mar,
Ambos andamos perdidos;
Eu, no mar dos teus agrados,
Tu, no mar dos meus sentidos.
247

Minha maçã vermelhinha
De vermelha se escurece
Estou na minha liberdade,
Fallo a quem me parece.
248

Minha maçã vermelhinha
Se passares Douro alem,
Tu no Porto, e eu no Porto,
Tu em Braga e eu tambem.
249

A maçã na macieira
Nem apodrece, nem cae;
Tinha-te pouca amizade,
Essa pouca já lá vae.
250

Dá-me cá esse teu lenço
Quero chorar sobre elle
Já que não tive a fortuna
De lograr a dona d'elle.
251

Dá-me cá esse teu lenço
Verde-azul e encarnado;
Quero chorar sobre elle
Paixões que me tem causado.
252

Estrellas não vinhaes juntas
Dentro ao meu coração;
Vinde mais compassadinhos,
Dae logar ás que cá estão.
253

O amor que te eu tenho
Cabe n'uma mão fechada;
Nem é pouco, nem é muito,
Nem é muito, nem é nada.
254

O' Senhora do Desterro!
Oh! desterrada de mim!
Ai, Senhoral estou à morto
Por quem não morre por mim!
255

O' Senhora Santa Enfemia
Onde tendes a morada;
Por baixo de S. Domingos
Nos olivães de Parada.
256

O' Senhora do Amparo,
Eu aqui vos venho ver,

Amparac-me a minha alma
Que eu desejo bem morrer.
257

Minha maçã vermelhinha,
Nem a comi, nem a dei:
'Tenho-a na minha caixa,
Com ella lhe pagarei.
258

Toma lá que to dou eu,
Não é nada de comor;
E' um lenço de suspiros,
Se te não torno a ver.
259

Eu accetto o venero
Toda a tua cortesia;
O amor com que me tratas
Ha-do ter paga algum dia.
260

Aqui estou, aqui estarei
Todo o tempo que quizeres;
Se me aqui anoitecer,
Grande prisão são mulheres!
261

Aqui estou, aqui estarei
A' porta da tua sala;
Se estás a dormir, acorda;
Se estás acordado, falla.
262

Quantas folhas tem o vime
Tantas facadas te eu dera,
Se não fosse o considerar
Por pouco perder a terra.
263

Quom me déra cá a noite,
Que eu com ella me componho;
Que eu de dia nunca vejo
Com quem eu de noite sonho.
264

O amor que te eu tenho
E mais o que te hei-de ter,
Cabe na folha d'um tojo
E mais não a ha de encher.
265

O' amor, que mo deixastes
Com tamanha ingratitude!
Trocastes a flor do oiro
Pelo tojo do Marão!
266

Mangericão da janella,
Dá-me a mão, quero subir;
Sou rapaz envergonhado
Por a porta não hei-de ir.
267

Está o mar todo cercado
De garrafinhas de vidro;
Bem enganadinho anda
Quem em mim traz o sentido.
268

Domingos e dias santos
E' que eu peço mais a Deus;

Vou à missa mas não rezo
Só p'ra ver agradós teus.

269

O pintor que pintou Anna,
Tambem pintou Leonor;
Anna saiu mais bonita,
A culpa foi do pintor.

270

A nogueira tem segredo,
Tem o segredo na noz;
Chamae-me embora vós doida,
Que eu não endoideço por vós.

271

O sapato me aperta,
A meia me faz calor,
O coração me arrebenta,
Se te não fallo, amor.

272

Abre-te meu peito, abro-te,
Se te abres para bem;
Se te abres para penas,
Meu coração penas tem.

273

Tu dizes que o mar è doce,
Eu digo que amarga bem;
Pelo que eu tenho passado
Não se póde amar ninguem.

274

Vou-lhes dar a despedida,
Por hoje não canto mais,
Tenho a minha ceia feita
E' um bom arroz de pardaes.

275

Vou-lhes dar a despedida
Na cruz do meio tostão;
Aos senhores que estão á roda,
A todos peço perdão.

276

Vou-lhes dar a despedida,
Dada ella, vou-me embora;
São horas de recolher
O passarinho á gaiola.

277

Vou-lhes dar a despedida
Na folhinha da nabiça;
Adeus, raparigas todas,
Até domingo à missa.

278

Quero dar a despedida,
Quero a dar e não posso;
Tenho o meu coração preso
Co'um fio d'oiro ao vosso.

279

Coitadinho de quem morre,
Se ao paraizo não vae;
Quem cá fica come e bebe
Logo a paixão se lhe vae.

280

Salsa verde tenho eu
No muro do meu jardim;

Todas as penas se acabam,
Só as minhas não tem fim.

281

Chamaste-me cerejinha,
Não me desprezo do nome,
Que a cereja bem madura
Qualquer fidalgo a come.

282

Fui ao mato á carqueija,
Fiz o molho de açucena;
Amei-te com tanto gosto,
Deixei-te com tanta pena.

283

Amei-te, tu bém o sabes,
Tu bém sabes se eu te amei,
Do amor por ti jurado
D'esse amor è que eu não soi.

284

Tu dizes que me queres bem,
O teu bem querer è engano;
Tu'cortas na minha vida
Como a thesoura no panno.

285

Se tu me quizeras bem
Da raiz do coração,
Tu me vieras fallar,
Que as noites bem grandes são.

286

Loureiro, verde loureiro,
Sêcca seja a tua rama;
Inda sou tão rapariga
Já me querem pôr a fama.

287

Já tendes novos amores,
Já tendes nova alegria;
O maior gosto que tenho
E' que não tem mais valia.

288

Quando os meus olhos te viram
Meu coração te adorou;
Nas cadeias dos teus braços
Minha alma presa ficou.

289

—O' Senhora dos Remedios,
Que daes a quem vos vae ver?
—Dou agus das minhas fontes
A quem a quizer beber.

290

Esta terra não é minha;
Se eu quizer minha será;
Se eu n'ella tomar amores,
Minha terra ficará.

291

A Senhora dos Remedios
Mandou-me agora chamar,
Que tinha o seu manto roto
Que lh'o fosse arremendar.

(Continúa)